

Economia - Brasil

Sub-secretário dos Estados Unidos apóia mudança no cálculo de superávit

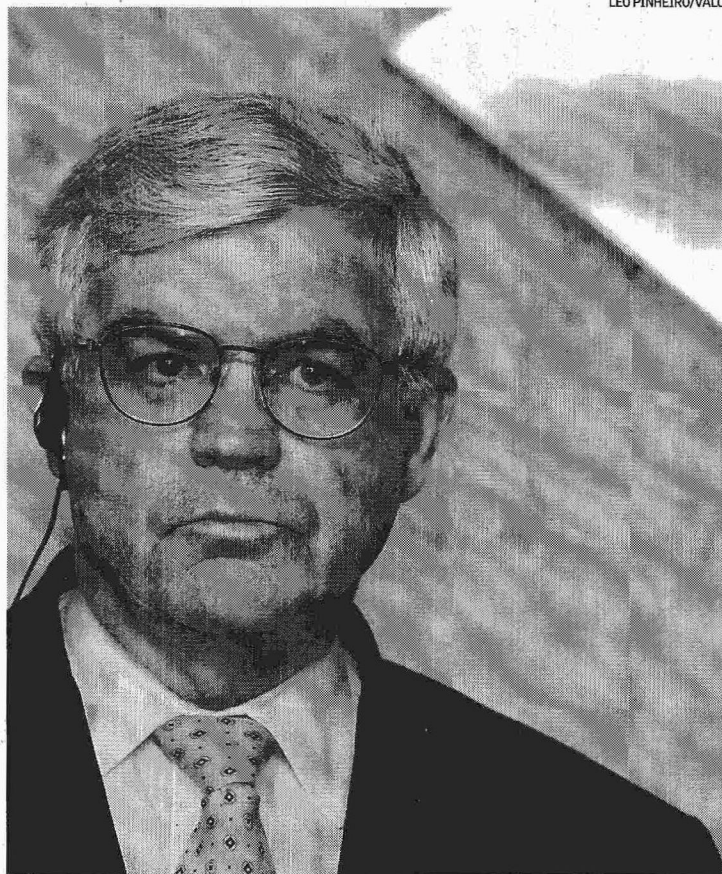
20 ABR 2004

Catherine Vieira
Do Rio

O sub-secretário para assuntos internacionais do Tesouro Americano, John Taylor, elogiou o trabalho do ministro Antônio Palocci e de sua equipe e disse, ontem, que os Estados Unidos não se oporiam caso o Brasil conclua que é preciso mudar a maneira de computar gastos públicos e privados para o cálculo do superávit primário. "Os investimentos públicos são importantes em algumas áreas. Mas é preciso ter critérios técnicos claros. Se o governo brasileiro concluir que é preciso ter mais investimento público, os Estados Unidos não vão se opor a essa decisão", disse Taylor, que esteve reunido ontem durante todo o dia com o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy e o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Marcos Lisboa.

Taylor lembrou, no entanto, que apesar de alguns estados americanos efetuarem a distinção entre gastos públicos e privados, o governo federal, nos EUA, faz o cálculo assim como é feito hoje no Brasil. O secretário Joaquim Levy, ressaltou, porém, que não existe nenhuma proposta formal de mudança no cálculo do superávit.

Para o sub-secretário do tesouro americano, uma possível mudança na taxa de juros nos EUA não será um fator que poderá abalar a economia brasileira e que não vê nenhuma mudança significativa no mundo que possa fazer isso. "As



John Taylor, sub-secretário dos Estados Unidos: elogios ao ministro Palocci

políticas e os fundamentos internos são os fatores que mais afetam a economia brasileira", disse Taylor. "É claro que as taxas de juros globais são importantes e influenciam, não só a dos EUA, mas também o que vai ocorrer com a Europa, o Japão. Mas não se pode prever o que vai acontecer e essa questão será apenas mais um fator."

John Taylor se disse muito bem

impressionado com a condução que vem sendo dada às políticas econômica, fiscal e monetária do Brasil. "O crescimento do quarto de trimestre do ano passado foi realmente impressionante e todas as políticas que vem sendo adotadas serão extremamente importantes para criar as bases de uma economia muito sólida nos próximos anos", disse Taylor. Ele contou ainda que o principal assun-

to do encontro com Lisboa e Levy foi o acesso ao crédito para pequenos e médios empresários. "Esses setores são muito importantes para economia e geram empregos. Discutimos como é possível aumentar o crédito para esses segmentos e como fazer com que eles se beneficiem dessa mudança na taxa de juros", afirmou Taylor.

Segundo Levy e Lisboa, a queda na taxa de juro real teve uma mudança importante de patamar. "A taxa de juro projetada para um ano é de 9,3%, nunca foi tão baixa", disse Levy. "Os papéis indexados a inflação, que já chegaram a ter um cupom (prêmio embutido além da variação do índice) de 11% e 12%, hoje estão com uma taxa entre 8% e 8,5% para prazos bastante longos. Isso é um indicador importante de confiança", avaliou Levy.

O secretário de Energia dos Estados Unidos, Spencer Abraham, evitou ontem comentar as divergências entre o Brasil e a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) sobre a inspeção das instalações brasileiras de enriquecimento de urânio.

"Os Estados Unidos não estão aqui para dizer ao Brasil o que fazer. Essas são questões que têm que ser resolvidas entre aquela organização e o Brasil", disse Abraham, após encontro com a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff. Eles assinaram um memorando de entendimento para desenvolver pesquisas e tecnologias para o uso do hidrogênio como fonte de energia. (Colaborou Leila Coimbra, de Brasília)

LEO PINHEIRO/VALOR